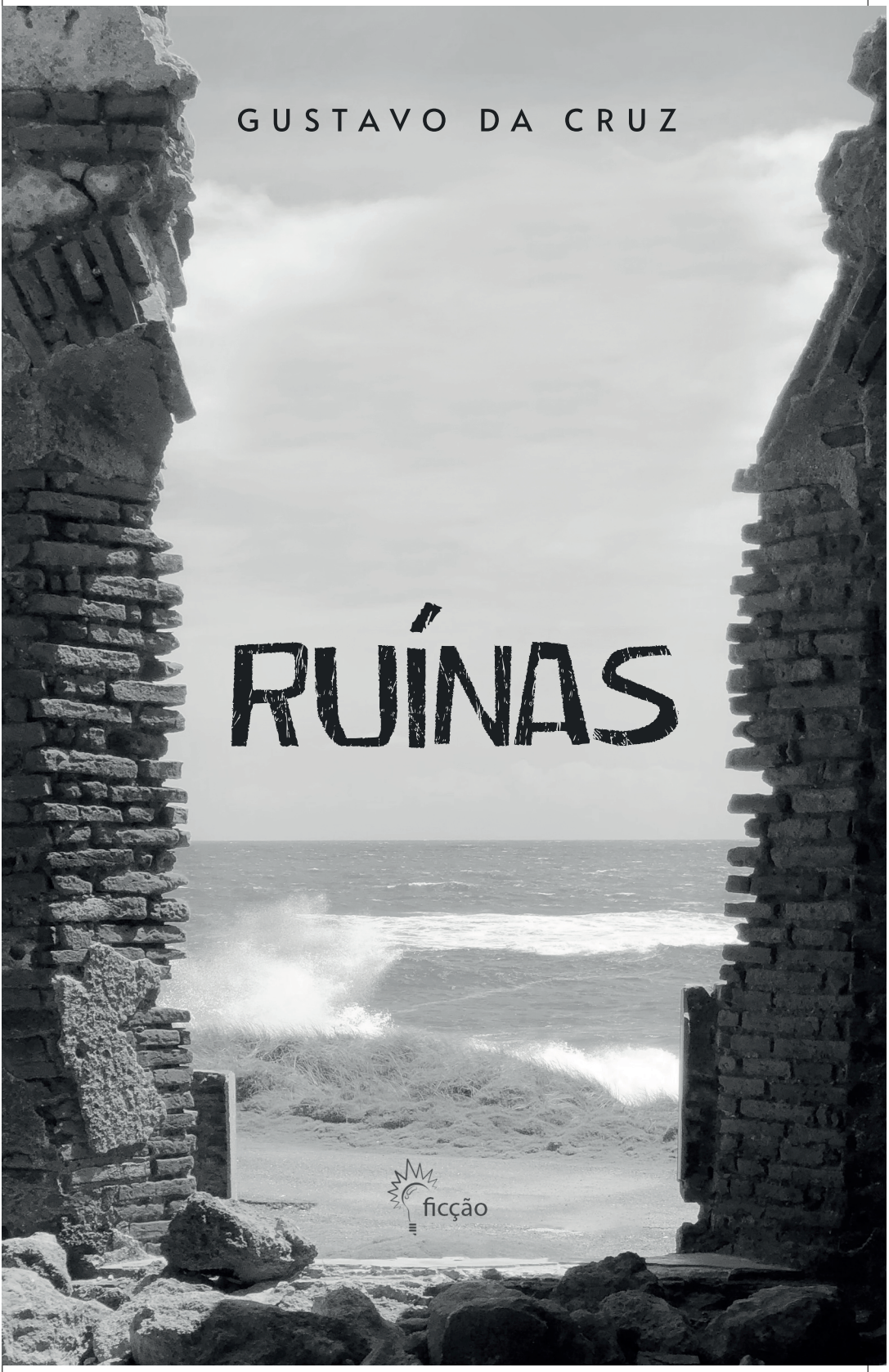
GUSTAVO DA CRUZ

RUÍNAS



ficção

Primeiro capítulo

quem foi que disse que um instante é pouco?

Não pude me atentar ao carro que veloz cortou o momento de outro olhar próximo de onde estou. O mundo se desfez em dois, ou se refez, não sei, se multiplicou, subtraiu, dividiu, a conta não fecha.

Ah, Imaterialidade... Me espanque com buquês na face incrédula. Porque a conta não fecha e nem o farol... Fechou. Lá vão Aline, Lucas, Felipe, e tantos outros sem nomes que dou. E atrás lá vão mais Rebeca, Márcia, Joyce, Maria Eduarda. Ou serão Thiago, Bruno, Adriana, Ana Carolina? Pisquei e eram todos, pisquei e não era ninguém, pisquei e a rosca de Belém virou redemoinho sob meu nariz. E de um lado para o outro, soldados empunhavam celulares indo para uma guerra contra ninguém, contra todos, sem saber que iam contra si. Ah, Cavaleiros Templários que matam pela glória do Senhor! O relógio na parede da entrada anuncia que já não é mais o começo, mas era há poucas horas. E a vida começava a subir os degraus da padaria. Às vezes cansada, como se carregasse um planeta nas costas enquanto levantava a perna para dar o passo. Às vezes desmedida na velocidade. Às vezes de salto, saia e pernas moldadas por mãos de um escultor renascentista. E uma fila de olhares a seguia. Vida, vida e mais vida, que só queriam algo doce para comer, nem que fosse por um instante e – e quem foi que disse que um instante é pouco? Einstein, me ajude, nos ajude! Que o tempo de quem atravessa a rua é

diferente do de quem está nos bancos dos carros – lá fora voltam os carros a andar e tudo isso se fez num instante

e como se o mundo...
... estivesse embaixo d'água...
... submerso meu olhar...
... o que a mim é exterior...
... é... ... com...
... preguiça de ser...

Só não tem preguiça quem passa fome de comida, de vida, de viver. E nessa fúria, que da angústia provém, almas vagam pelo asfalto que cobre o paralelepípedo de anos atrás em busca de uma roupa que as farão sentir o corpo, a pele, sentir o sentir. O doce que as vidas querem? Não. Necessitariam paladar. De esquina em esquina é a própria vida que procuram.

C# soa logo aqui-ali
Por isso uma força me leva a cantar

Não, ela não está aí nessa lata de lixo! foi o que me deu vontade de gritar para um senhor que revirava a lata verde grudada ao poste. E quem me dera poder esbravejar que ela está no céu do dia que sorri, na simplicidade do caminhar e assistir ao mundo acontecendo, mas este é o meu estilo de pincelada no quadro da existência, minha estilística, e para ficar mais claro, como diria Kant, minha realidade.

É, Graciliano, tantos anos já se passaram e tanta coisa se desenvolveu. A que preço? Se Fabianos por aí andam a serem enganados sem defesa, de pés descalços e corações como o chão do sertão na seca. E Sinhás-Vitórias remoem o remorso enquanto sonham com uma cama – como a de seu Tomás, sim – que não seja um pedaço de papelão. *O que é o inferno?* o mais novo perguntava, e eu diria que os olhos responderiam. E lá se foram Juliana, Rodrigo, Douglas, Luana, João e tantos outros sem nomes que dou, enquanto me lembro de todas as vezes em que me acordei Gregor Samsa...

— O café sempre te queima a língua?

— Sempre que ele não está pronto pra mim. Tudo tem um ritmo, uma harmonia.

— Gosto de tocar violão e abusar do ritmo, mudar.

— Eu gosto de tocar. Mas gosto mesmo é daquele minúsculo espaço entre o penúltimo e o último acorde, antes do tom da música soar ininterrupto até se desfazer por natural, como espuma que dissolve na mão.

— O cabelo dela ficou bonito daquela cor...

— É... E a noite, enquanto andávamos sob minhas esperanças e desejos, tudo parecia

— Estava boa essa rosca de Belém, bem que falou o padeiro que valeria a pena. Mas essa massa folheada deixa uma textura estranha na boca. Como deixava o açúcar da rosquinha que minha mãe comprava.

— Ah... Mas lá vem você de novo rememorando estas lembranças, como se fosse um velho deprimido em fim de vida.

— Todo dia é o fim da vida e toda alma é jovem e velha. É o dia combinado à alma que lhe dirá o seu estado.

— Como no violão e no café.

— Lembra de como ela sorria quando ficava olhando pra ela?

— E lembrei enquanto andava na Praça João Mendes, entre sebos e fedor.

— É... Se São Paulo é o mundo, a vida é isso: uma flor banhada de mijo.

— Não dispenso explicações aristotélicas, platônicas. Mas às vezes é bom simplesmente não tentar explicar nada.

— E as luzes dos postes iluminavam as palpitações do meu coração, sempre à frente e quando pisava, como um jogo de passos de dança e cores...

— Não foi num dia assim que alguém morreu?

Não muito longe daqui alguém se joga num poço comprido, cilíndrico, cuspindo fumaça da boca. E esse alguém sem nome, que carrega todos os nomes do planeta; esse alguém sem sexo, mas que pode ser homem-mulher-criança-adulto-velho-homossexual-transexual-bissexual-assexuado-lésbica; esse alguém sem etnia mas que como um camaleão é negro-branco-asiático-indígena; esse alguém que é visto como ninguém, mas que é todos nós, cai sobre o excremento misturado à restos de comida estragada entre desejos que foram proibidos, sonhos que notas vermelhas espancaram até a morte, potenciais torturados como Winston do passado-futuro.

— Tell me something we don’t know yet...
— There’s still love among it all.

Ah... Puxo o ar e inalo a ironia em que Criolo me jogaste, me empurraste da Ponte Estaiada para mergulhar no Rio Pinheiros. E a cada braçada nessa água preta, empurrando sacolas plásticas e barro, quando se dá aquele segundo de descanso aos pulmões, sinto o alívio de quem se sente vivo ao mesmo passo em que o fedor do rio me invade as narinas. É aí que o entendo.

Sacudo a cabeça para talvez voltar a ser o que chamam de lúcido, sem nem entender se já fui, e me lembro que uma vez Fernando me disse que a metafísica é uma consequência de estar maldisposto.

Hoje eu deveria fazer aquilo que me propus ao assinar o contrato. Contrato, contrato!, toda a vida vivemos a assinar contratos: o emprego, a casa, a escola! Eu tenho que provar que meu RG é meu, tenho que assinar um papel que diz que amo a mulher que está comigo! Ah!! Egípcios, Fenícios, Homens do século cinco! a palavra transmitida pelas ondas sonoras das cordas vocais perdeu a importância, o valor. Quando saíam da boca de Sócrates, Aristóteles e Platão valiam ao que hoje se compara a... (olho para o alto, para os lados e não encontro) ...talvez só se compare ao que hoje eles valem pra mim quando os leio.

penso propondo poemas
escrevo estocando esquemas

planos para percorrer
melhor mais mares

Tenciono as bolas de gude em meu rosto em direção ao mundo exterior, que parece ser não mais que uma esquina vista através de uma moldura de concreto. Não mais que uma esquina, como tem sido minha vida que não sabe se segue a rua da Razão ou da Emoção, que não sabe se deixa-se guiar por Apolo ou por Dionísio. Tenciono os dois faróis, acionados para encarar a neblina da estrada, em direção ao mundo exterior...

— Com licença, gostaria de mais alguma coisa?
— Não, obrigado.

E como se fosse uma nau se afastando de sua terra, de seus mares, Julia se afasta aos poucos e inunda outros clientes ao avançar e empurrar as ondas para as mesas do fundo. ...Tenciono os olhos em direção ao mundo exterior, onde a realidade faz morada... – mas é mesmo real o que a mim é exterior? é mesmo sonho o que a mim é interior? o barulho dos carros é o barulho dos carros ou é o que nós dizemos ser o barulho dos carros? – ...Tenciono os olhos em direção ao mundo exterior, que se aproxima de mim em câmera lenta e eu me sinto como os espectadores do primeiro filme exibido em cinema, quando aquele trem chegava cada vez mais perto, mais perto, mais perto, mais perto... Ah, e esse cheiro de café me mantém preso, como o outro lado da corda naquela brincadeira de força.

II

uma guerra incessante entre Cronos e Kairós

Meus olhos tingidos de laranja acreditavam que a vida seria possível. Um tapete abria caminho ao o que em mim ronca descontente. Possibilidade dormida, querer a quem foi dado boa-noite-Cinderela. Sozinho, antes que fosse possível enxergar a solidão da cidade na penumbra – como um Drácula sedento, como um Bram Stoker escrevendo *Drácula* –, me era cabível escrever sem o chicote da Angústia estralar sobre os prédios e as vias arteriais. E aquela borboleta azulíssima que em minha volta criou um anel de Saturno, pousara em meus sapatos, como se me revelasse em segredo o caminho a seguir.

Minhas pernas, ponteiros da vida, trouxeram consigo a transição. E ah... Como é difícil sair do chuveiro num dia frio; como é desafiador subir de faixa no Karatê; o que será que foi pra mim passar a escrever de caneta? A testa franze! Como esse nosso corpo não sabe negar a dor que a gente quer esconder! Igual à Dona Lourdes quando sobe a ladeira de manhã para ir trabalhar e a fila do ponto já cerca a entrada do bar.

Na favela a gente ainda faz fila pra esperar: esperar a chuva onde não tem cobertura, esperar o enquadro onde não tem bandido, esperar a moto sem placa e o anúncio do assalto, esperar o navio e os grilhões...

— Mas cadê esse ônibus que não vem, hein?

...quando tem gritaria na rua, a gente poderia pensar que alguém nasceu ou que foi gol do Corinthians, e muitas vezes é o que a gente fala que pensou, mas no fundo a gente espera e segura o peito com medo de ser bala perdida. E quando a PM ou a ROTA passa, eu ainda tiro o capuz sem nem esperar mandarem...

Uma vez falei isso na casa de Seu João e ele disse:

— Medo da polícia por que rapaz? Oxe! Eu tenho medo da polícia nada! Não fiz nada de errado, não devo nada!

Eu dei uma risadinha e balancei a cabeça, mas lembrei dos moleques de Osasco e Salvador que só estavam tentando ser felizes e também não deviam nada à polícia.

...na época de natal-anonovo, a gente deveria ter certeza que são só fogos ao fundo, mas os colegas que dividiram sala e esquina, hoje dividem celas, e nessa época eles estão de saidinha...

Nessa época, a alegria estampa o rosto de vários dos moleques nas lajes e no alto dos morros, que parecem que vão nos levar até pertinho do céu, botando pipas em combate sem trincheiras, uma guerra favelal sem baionetas. Porém o rosto da minha prima é a saudade que estampa, afinal, fazem já cinco anos que não vê um dos irmãos, que foi brincar de polícia e ladrão e não voltou mais do recreio de quem não é mais criança...

...ela espera, espera, espera! agora sozinha no quarto, tomando remédio pra ansiedade. Meu padrinho

LIVROS ILUMINAM

Impresso em Pólen Soft 80g/m²
São Paulo para Editora Penalux, em fevereiro de 2021.